

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO  
BACHARELADO EM MUSEOLOGIA

ISRAEL OLIVEIRA

EM CARTAZ:

**o Cine Theatro Independência como patrimônio cultural da cidade de  
São Leopoldo (RS)**

Porto Alegre

2019

ISRAEL OLIVEIRA

**EM CARTAZ:**

**o Cine Theatro Independência como patrimônio cultural da cidade de  
São Leopoldo (RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção do grau de Bacharel em  
Museologia da Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Porto Alegre

2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

Reitor Rui Vicente Oppermann  
Vice-Reitora Jane Fraga Tutikian

**FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

Diretora Karla Maria Müller  
Vice-Diretora Ilza Maria Tourinho Girardi

**DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA INFORMAÇÃO**

Chefia Samile Andréa de Souza Vanz  
Chefia Substituta Rene Faustino Gabriel Junior

**COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE MUSEOLOGIA**

Coordenador Ana Celina Figueira da Silva  
Coordenadora Substituta Márcia Bertotto

CIP - Catalogação na Publicação

Oliveira, Israel  
Em cartaz: o Cine Theatro Independência como  
patrimônio cultural de São Leopoldo (RS) / Israel  
Oliveira. -- 2019.  
56 f.  
Orientador: Ana Carolina Gelmini de Faria.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade  
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de Museologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2019.

1. Patrimônio Cultural. 2. Preservação do  
patrimônio urbano. 3. Cinema. 4. Cinema de calçada. 5.  
Cine Theatro Independência. I. Faria, Ana Carolina  
Gelmini de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Departamento de Ciências da Informação  
Rua Ramiro Barcelos, 2705  
Bairro Santana  
Porto Alegre - RS  
Telefone (51) 33085067  
E-mail: fabico@ufrgs.br

ISRAEL OLIVEIRA

**EM CARTAZ:**

**o Cine Theatro Independência como patrimônio cultural da cidade de  
São Leopoldo (RS)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
como requisito parcial para obtenção do grau  
de Bacharel em Museologia, da Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:  
Profa. Dra. Ana Carolina Gelmini de Faria

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2019

Banca Examinadora:

---

Profª. Drª. Ana Carolina Gelmini de Faria (Orientadora) - UFRGS

---

Profª. Me. Marlise Giovanaz - UFRGS

---

Profª. Drª. Vanessa Barrozo Teixeira Aquino - UFRGS

À memória de Marilete Osorio Nicoli,  
leopoldense que amava sua cidade natal.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu menino canino, Seu Nego, por ter me escolhido e por me ensinar lições tão valiosas sobre afeto, lealdade e todos os bons sentimentos que nós humanos apenas tateamos.

À minha pequena (grande) família: minha mãe, pelo amor, dedicação e principalmente pela paciência em suportar minhas crises existenciais (que não são poucas!). Tudo que eu faço sempre é por e para você; Déia, por existir e ser meu porto seguro nesse mundo louco (até mais que eu!); Josi, por todo o apoio na escrita deste trabalho e por ter mostrado que para nós também era possível o caminho da universidade. Carla, pela irmandade, apesar de todas as nossas diferenças. Amo vocês pra sempre e mais um dia!

À minha orientadora, Ana Carolina Gelmini de Faria, por ser tão inspiradora e generosa. Sem você eu não teria conseguido!

À minha banca examinadora, Marlise Giovanaz e Vanessa Barrozo Teixeira Aquino, por aceitarem o convite e por todo o aprendizado proporcionado ao longo da graduação.

À professora Lizete Dias de Oliveira, por ser esse ser humano único.

À toda equipe do Salão de Atos da UFRGS, Museu do Trem de São Leopoldo e Oficina de Criatividade do HPSP. Vocês foram importantíssimos na minha trajetória acadêmica e pessoal!

Ao meu grupo favorito de whatsapp, "Meu problema é a Coquinha": Aline, Bárbara e Giovana. Com vocês, tudo fica mais divertido!

Aos demais amigos (em ordem alfabética, pra não ter problemas) Beta, Carmen, Carol, Claudemir, Duda, Eraldo, Glorinha, Isa, Larissa, Michael, Sabrina, Thaís. Tendo meus amigos por perto eu acho que não fica tão mal!

Como diz/ canta Maria Bethania: abraçar e agradecer!

Encontramos na rua  
uma fileira de cadeiras  
de um velho cinema  
levamos para casa  
colocamos na varanda  
passamos toda a tarde  
bebendo e fumando  
assistindo passar  
um dia qualquer.

(Ana Martins Marques, *Cinema*)

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso se propôs a investigar o processo de inserção do Cine Theatro Independência na lista de bens com interesse de preservação do município de São Leopoldo, Rio Grande do Sul. O estudo analisou a trajetória da edificação e das atividades oferecidas ao longo de sua existência para problematizar os valores que o elegeram passível de patrimonialização, já que atualmente o espaço está descaracterizado e abriga uma loja comercial. Para o embasamento teórico do trabalho, conceitos como mercado cultural, perda e “espírito do lugar” contribuíram para a reflexão em torno do uso cultural e comercial do prédio e até que ponto essas mudanças influenciam nos processos preservacionistas. A metodologia abrangeu análise documental e bibliográfica, como consulta de livros, teses, dissertações, artigos de jornais, legislação e *sites* para compreender a história do Cine Theatro Independência, aproximando-o tanto das transformações ocorridas no circuito exibidor brasileiro como da evolução das leis municipais de preservação da cidade de São Leopoldo e suas aplicações. A pesquisa ressaltou a importância dos aspectos intangíveis do patrimônio material e como eles precisam também ser considerados quando se trabalha a preservação destes bens. Conclui que embora a comunidade estimasse seu valor cultural, o poder público limitou-se a enxergar apenas seu valor estético, sem com isso protegê-lo da perda de sua originalidade. Mesmo assim, com a sobrevivência material, o Cine Theatro Independência ainda pode ser explorado em toda sua potencialidade.

**Palavras chaves:** Patrimônio Cultural. Preservação do patrimônio urbano. Cinema. Cinema de calçada. Cine Theatro Independência.



## ABSTRACT

This paper aimed to investigate the process of insertion of Cine Theater Independence in the list of goods to be preserved in the city of Sao Leopoldo, Rio Grande do Sul. The study analyzed the trajectory of the building and the activities offered throughout its existence in order to problematize the values that made it possible to become a municipal heritage, since in the space currently operates a commercial store and it has lost its primary characteristics. As a theoretical basis of this work, concepts such as cultural market, loss and “spirit of the place” contributed to the reflection on the cultural and commercial use of the building and how these changes affected preservation processes. The methodology was based on documentary and bibliographical analysis, research on books, theses, dissertations, newspaper articles, legislation and websites to understand the history of Cine Independencia Theater, aiming to approximate it to the transformations that occurred in the development of municipal preservation laws and its applications. The research emphasized the importance of intangible aspects of material heritage and how they also need to be considered when working on their preservation. It concludes that although the community estimated its cultural value, the public power saw only its aesthetic value, without protecting it from the loss of its originality. Even so, with material preservation, Cine Theatro Independência can still be explored to its full potential.

**Key-words:** Cultural heritage. Preservation of urban heritage. Cinema. Movie theater. Cine Theatro Independência.

## LISTA DE FIGURAS

1	Terreno antes da construção do Cine Theatro Independência	21
2	Desenho a nanquim da fachada original do Cine Theatro Independência	22
3	Fachada ornamentada divulgando o filme “O tenente sedutor” de 1931	23
4	Divulgação da programação do Cine Theatro Independência	24
5	Interior do Cine Theatro Independência por ocasião de uma sessão cívica	25
6	Fachada do Cine Theatro Independência em março de 1994	27
7	Programação dos cinemas do dia 31 de março de 1994	28
8	Bombeiros controlam o incêndio	30
9	Curiosos observando o que restou do prédio, um dia após o incêndio	30
10	A parte interna do prédio foi totalmente perdida	31
11	Prédio em outubro de 2019	32
12	Fotos fazem referência ao passado histórico do prédio	33
13	Sala 5 do atual complexo de cinema localizado no shopping da cidade	34
14	Fachada inferior em 1994, com o cinema ainda em funcionamento	35
15	Fachada inferior em 2019	36
16	Rachadura na fachada do prédio após o incêndio em 1996	38
17	Propaganda da loja de eletrodomésticos nas redes sociais	40

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>TRAILER</b>	<b>12</b>
<b>2</b>	<b>O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE SÃO LEOPOLDO: das sociedades recreativas à sétima arte</b>	<b>16</b>
<b>2.1</b>	<b>São Leopoldo e seus locais de sociabilidade</b>	<b>19</b>
<b>2.2</b>	<b>O cinema perde as calçadas</b>	<b>26</b>
<b>3</b>	<b>DEBATES SOBRE O CINE THEATRO INDEPENDÊNCIA COMO PATRIMÔNIO DE SÃO LEOPOLDO</b>	<b>35</b>
<b>4</b>	<b>CRÉDITOS FINAIS</b>	<b>46</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>49</b>
	<b>ANEXO A - Ficha de cadastro do COMPAC - Cine Theatro Independência</b>	<b>54</b>

## 1 TRAILER

*Os letreiros a te colorir  
Embaraçam a minha visão  
Eu te vi suspirar de aflição  
E sair da sessão, frouxa de rir.*

- Chico Buarque, *As vitrines*

Quem passa apressado pela principal rua de São Leopoldo (RS) talvez não note nada de especial no prédio de número 525, onde atualmente se situa mais uma entre tantas lojas de departamentos do centro da cidade. Provavelmente sejam os grandes letreiros do estabelecimento que escondam a imponência do edifício e impeçam o olhar dos passantes de observar a fachada superior, onde no alto do frontão, uma bela escultura de mulher ergue para o alto uma tocha de luz. A estátua, mesmo parecendo deslocada no tempo, se mantém incólume à passagem dos anos. Mas, diferente da maioria dos pedestres, minha memória afetiva não deixa que eu siga imune ao avistar tal edificação: foi neste endereço que funcionou por quase setenta anos o Cine Theatro Independência<sup>1</sup>, local onde teve início minha paixão pela sétima arte.

Muito antes de desenvolver certo repertório cinematográfico e admirar o cinema de Almodóvar, Fellini e Kubrick - diretores que passavam longe do circuito exibidor de São Leopoldo -, eram as sessões de filmes populares norte-americanos que eu assistia com prazer no Cine Theatro Independência. Aliás, nesta época, o que menos importava era o filme em cartaz: era a atmosfera do lugar, os cartazes na fachada, as escadas que levavam ao mezanino, o escuro do grande salão, as óperas que tocavam antes do início da projeção, que tornavam atrativo para mim o ritual que era “pegar” um cinema.

Mas, se a programação do Cine Theatro Independência ofereceu ao longo de sete décadas um cardápio variado de filmes cheios de ação, dramas e aventuras, a história particular deste importante ponto cultural da cidade não deixa nada a desejar aos melhores títulos hollywoodianos. A casa de espetáculos, que além de cinema oferecia ao público em suas primeiras décadas peças teatrais, óperas e operetas,

---

<sup>1</sup> Durante as primeiras décadas de existência, era utilizado o termo teatro. A partir dos anos 1940, a expressão cine substituiu a anterior. Algumas vezes a denominação cine teatro era usada. Permanecendo a palavra teatro na fachada do prédio, é dessa forma que ele aparece no inventário de bens imóveis da cidade de São Leopoldo, embora ele seja mais reconhecido pela população como cinema. Para abranger todo seu histórico, optou-se neste trabalho por utilizar a expressão Cine Theatro.

festividades cívicas e bailes de carnaval, possuía 1.500 lugares numa cidade que tinha pouco mais de 10 mil habitantes na época e, ao longo de sua existência, tentou acompanhar as transformações tecnológicas bem como as mudanças sociais e os hábitos de seu público.

Em 1994, com a abertura de novas salas de cinema disponíveis no primeiro shopping de São Leopoldo, o Cine Theatro Independência encerrou suas atividades, já sem o brilho de seus áureos tempos. Alguns entusiastas da cultura até tentaram com um abaixo assinado convencer a prefeitura a comprar o prédio e manter seu uso voltado para as artes, mas a alegada falta de recursos inviabilizou o projeto. Logo o local foi alugado e transformado em loja de eletrodomésticos, que vendia entre outros aparelhos, o televisor e o videocassete, justamente dois dos responsáveis pelo fim das salas de calçada.

Em 1996 um surpreendente incêndio mobilizou bombeiros no endereço do antigo cinema. Quando o fogo cessou quase nada havia restado do interior do prédio. Apenas a fachada manteve-se de pé. O edifício que resistiu por setenta anos abrigando películas e materiais cinematográficos altamente inflamáveis parecia finalmente sucumbir ao destino que sempre rondaram grandes cines teatros. Curiosamente, o episódio fez ressurgir nos moradores as lembranças vinculadas ao local e, com isso, surgiu novamente o interesse pelo espaço e o desejo de vê-lo novamente reconstruído. Meses após o incidente o trabalho de reforma teve início e um novo edifício foi erguido, encaixado na antiga fachada. Assim que o restauro foi concluído, uma nova loja comercial, de mesma categoria de produtos, instalou-se no local e se mantém até hoje.

As rápidas mudanças no centro histórico da cidade aos poucos foram apagando a imagem do Cine Theatro Independência. Mesmo com a perda das características antigas do prédio anterior, a edificação do número 525 foi inserida na Lista de Imóveis de Interesse de Preservação do Município de São Leopoldo, presente no Decreto nº4428, de 12 de dezembro de 2005, demonstrando o desejo por sua permanência.

O grande desafio das políticas de preservação, tanto nas esferas federal, estadual e municipal, é proteger não apenas a estrutura física dos patrimônios históricos, mas também suas memórias e significados. No caso do Cine Theatro Independência é interessante observar que com a mudança do uso e função e a posterior perda da estrutura original, estava ameaçada a memória do passado.

Assim, na tentativa de perceber de que forma o endereço passou a ter interesse de preservação, busquei responder as seguintes questões: Como se deu o processo de transformação do edifício do Cine Theatro Independência em patrimônio de São Leopoldo, mesmo este tendo perdido sua estrutura física e uso originais? Que tipo de valor foi usado para considerá-lo patrimônio da cidade? E quais valores são atribuídos à sua fachada atualmente?

Investigar a história do Cine Theatro Independência para debater os conflitos existentes no ato de sua preservação e de sua escolha como bem patrimonial leopoldense será o principal objetivo dessa pesquisa. Como objetivos específicos foram definidos: analisar o fechamento do Cine Theatro Independência no contexto das mudanças do circuito exibidor brasileiro; identificar as políticas patrimoniais aplicadas ao longo dos anos na cidade de São Leopoldo; investigar a elaboração da lista de bens inventariados como patrimônio histórico e cultural do município; e analisar o histórico do Cine Theatro Independência, pontuando as mudanças tanto de estrutura quanto de uso, para problematizar a relevância de sua atual preservação.

Nesse estudo de abordagem qualitativa realizei uma pesquisa documental, analisando a legislação da cidade, bem como os mecanismos legais no âmbito federal que serviram de embasamento para esta patrimonialização. Também foi realizada uma consulta junto ao Conselho do Patrimônio Cultural (COMPAC) de São Leopoldo, responsável pelo Inventário do Patrimônio Histórico da cidade, à procura de documentos referentes à feitura deste arrolamento onde o Cine Theatro Independência aparece inserido. Além disso, foram levantadas matérias de jornais no Arquivo Histórico, localizado junto ao Museu Visconde de São Leopoldo, do período em que o processo ocorreu (2012). Reportagens do Jornal Vale dos Sinos também foram utilizadas para compreender o processo de encerramento do cinema, sendo pesquisadas as edições do ano de 1994 (ano de fechamento e transformação do espaço em loja) e do ano de 1996 (ano do incêndio e posterior restauração do prédio), disponíveis na hemeroteca do Museu Histórico da cidade. Para embasar este trabalho, utilizei conceitos norteadores, onde se destacam os conceitos de patrimônio, monumento e bem cultural (CHOAY, 2001) e perda, alegoria e patrimonialização (GONÇALVES, 1996), por exemplo.

Este trabalho divide-se em mais dois capítulos. O segundo capítulo, intitulado **O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE SÃO LEOPOLDO: das sociedades recreativas à sétima arte**, dividido em duas partes, apresenta a trajetória cultural da cidade, com ênfase no cinema, relatando como se deram as primeiras exibições fílmicas, o surgimento do Cine Theatro Independência e sua trajetória ao longo dos seus setenta anos de funcionamento, até o encerramento de suas atividades e sua transformação em loja de departamentos. Já a segunda parte aborda o processo de mudança no setor exibidor brasileiro, inserindo o caso do cinema leopoldense ao movimento que levou à extinção das salas das calçadas e sua transferência para os corredores dos shoppings centers.

O terceiro capítulo, **O PROCESSO DE TOMBAMENTO DO CINE THEATRO INDEPENDÊNCIA**, discute os motivos que levaram a fachada do cinema a ganhar interesse de preservação. Analiso a legislação da cidade de São Leopoldo referente ao assunto e abordo a problemática da mudança de uso do prédio e o que de fato se preserva ao eleger um bem patrimônio de uma cidade: sua constituição física ou sua memória social. Ao final, apresento algumas considerações comentando o resultado do trabalho. O último capítulo, **CRÉDITOS FINAIS**, salienta minhas reflexões originadas do problema de pesquisa.

Convido os leitores a sentarem-se confortavelmente na poltrona e aproveitarem esta sessão onde a grande atração em cartaz é a própria sala de cinema.

## 2 O DESENVOLVIMENTO CULTURAL DE SÃO LEOPOLDO: das sociedades recreativas à sétima arte

*Muito difícil não  
ser a cena quando se é o próprio teatro.  
- Liana Padilha*

Para melhor compreender a importância de um espaço como do Cine Theatro Independência é necessário rebobinar o filme para o final do século XIX e conhecer como a sociedade da época utilizava o pouco tempo livre ao mesmo tempo em que se adaptava frente às inovações científicas e tecnológicas resultantes da Revolução Industrial. A chegada da energia elétrica, a expansão do comércio e o surgimento dos veículos automotores foram algumas das criações que alteraram para sempre as relações sociais, transformando o espaço público em importante vitrine onde - principalmente - a elite podia ver e ser vista.

É neste turbilhão de modernidades que o cinema foi inventado, tendo como marco histórico o dia 28 de dezembro de 1895, quando os irmãos Louis e Auguste Lumière realizaram a primeira exibição pública de um filme no Grand Café, em Paris (BERNARDET, 1985). Porém, basta pesquisar um pouco sobre os primórdios da sétima arte<sup>2</sup>, como ficou conhecida, para descobrir que esta data inicial é discutível. Segundo Machado (2005, p.9), as raízes do cinema remontam a Pré-História:

[...] nossos antepassados iam às cavernas para fazer e assistir a sessões de cinema. Muitas das imagens encontradas nas paredes de Altamira, Lascaux ou Font-de-Gaume foram gravadas em relevo na rocha e os seus sulcos pintados com cores variadas. À medida que o observador se locomove nas trevas da caverna, a luz de sua tênue lanterna ilumina e obscurece parte dos desenhos: algumas linhas se sobressaem, suas cores são realçadas pela luz, enquanto outras desaparecem nas sombras.

Certo é que, assim como a linguagem cinematográfica modificou-se ao longo de sua existência - desenvolvendo técnicas de montagem, som e cores -, o sistema de exibição destas imagens animadas também foi se adaptando e se aprimorando. Favaro e Favaro (2015) analisam que a partir do advento de filmes longas-metragens, que exigiam do espectador mais tempo de permanência sentado frente à

---

<sup>2</sup> O termo “sétima arte”, usado para designar o cinema, foi estabelecido pelo intelectual italiano Riccioto Canudo, em seu “Manifesto das Sete Artes”, de 1922 (publicado apenas em 1923), e que atualizava a lista precedente de Hegel.



tela, surgiu a demanda por salas mais confortáveis e a partir da disseminação das mesmas, o cinema desenvolveu-se como indústria.

Abandonando as feiras itinerantes do final do século XIX e ganhando espaços exclusivos nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Schvarzman (2005, doc. eletr.), “Os cinemas deixam de ser apenas grandes galpões que reuniam trabalhadores, e passam a ser também lugares de distinção, tomando o teatro e a ópera como seus paradigmas de luxo e organização”. A autora também afirma que no Brasil o circuito exibidor acompanhou, ainda que com certo atraso, as mudanças que ocorriam nos Estados Unidos:

Com a Primeira Guerra Mundial, o advento do filme de longa metragem, a partir de Griffith, e o aburguesamento da frequência aos cinemas, novas salas, em bairros centrais, devem surgir para abrigar esse novo público. Nos Estados Unidos isso ocorre a partir de 1915. Os cinemas deixam de ser apenas os 'poeiras' de bairro e tornam-se 'palácios' ricamente decorados, com evocações fantasiosas de terras exóticas, com lotação em média de quinhentos espectadores e com diversos funcionários para se ocupar do novo cliente: o porteiro, o lanterninha, a moça dos doces. Nesse momento, como sinal de prestígio da sala, antecedem a exibição cinematográfica apresentações teatrais e líricas, resquícios da passagem das artes consagradas para a nova arte (SCHVARZMAN, 2005, doc. eletr.)

As primeiras exibições cinematográficas em terras brasileiras aconteceram no Rio de Janeiro em julho de 1896, na Rua do Ouvidor (LUSTOSA, 1986), poucos meses após a famosa sessão dos irmãos Lumière em Paris. Um ano depois, segundo Lustosa (1986, p.24), surgiu o primeiro cinema fixo da cidade e do Brasil:

[...] Paschoal Segreto, jovem imigrante italiano, então com 29 anos, que inaugurou, a 31 de julho de 1897, no n.141 da mesma rua, o mais célebre cinematógrafo do final do século no Rio de Janeiro, o Super-Lumière, instalado no Salão de Novidades Paris no Rio.

No Rio Grande do Sul, a novidade não tardou a chegar à capital gaúcha. Em novembro de 1896, Francisco de Paola e Dewison projetaram “O bosque de Boulogne”, “A dança serpentina” e a “Chegada do trem a Lyon”, na Pharmacia Jouvin, no número 349 da Rua da Praia (GASTAL, 1999) iniciando um período de intensas ofertas de cinema itinerante por diversos espaços da cidade. Conforme Siveira Neto (2001) foi somente em 20 de maio de 1908 que Porto Alegre inaugurou sua primeira sala de exibição, o Recreio Ideal, com capacidade para 135 pessoas.

Em São Leopoldo, por volta de 1909, as primeiras exhibições fílmicas, como eram comuns na época, foram oferecidas por empresas itinerantes que, aproveitando a proximidade da cidade com Porto Alegre, apresentavam películas utilizando o cinematógrafo e depois retornavam para a capital (MOEHLECKE, 1997).

Pedro Leopoldo Feldmann foi o primeiro entusiasta morador da cidade a investir neste segmento. Antes mesmo da chegada da energia elétrica a São Leopoldo ele promovia sessões ao ar livre no Paço Municipal, utilizando energia gerada por uma máquina à vapor (NAGEL, 2009). Das exhibições ao ar livre, Feldmann inaugurou em julho de 1914 a primeira sala exclusivamente de cinema de São Leopoldo, na principal rua da cidade, a Rua do Paço (atual Independência). Para promover a abertura do espaço foi realizado um concurso no jornal para escolha do nome, vencendo o de “Coliseu Theatro Leopoldense” (STRÖHER; SILVA, 2014). Segundo os autores:

De 1922 a 1926 o Coliseu Theatro Leopoldense funcionou arrendado para Pedro Raimundo Regner, sendo, então, vendido para a empresa F. Steigleder & Cia Ltda, que havia inaugurado, dois anos antes, o Theatro Independência, em 7 de setembro de 1924, na rua homônima. O espaço onde funcionou o Coliseu foi, mais tarde, reformado, e reinaugurado, em 1940, com o nome de Cine Brasil. As sessões cinematográficas passaram, a partir do surgimento destes espaços, para dentro dessas salas de espetáculos. (Idem, p.628).

A inauguração do Cine Theatro Independência, com seus 1.500 lugares numa cidade que tinha pouco mais de 10 mil habitantes na época (MANDELLI, 2017), acompanhou uma tendência surgida na primeira metade do século XX de construção de grandes “palácios cinematográficos”, consolidando o lazer e a sociabilidade ao mesmo tempo em que fazia o Brasil parecer tão avançado quanto os Estados Unidos e a Europa, abandonando os ares imperiais do século XIX e soando moderno como uma república deveria ser (SILVEIRA NETO, 2001).

Dominantes até a década de 1970, os grandes cinemas de calçada só se viram ameaçados pela popularização da televisão e em seguida do videocassete. Hoje ainda assistimos a filmes nas salas comerciais, segundo o velho dispositivo criado no início do século, embora elas tenham saído das calçadas das avenidas da cidade para os corredores dos *shoppings centers*. A facilidade trazida pela internet e as múltiplas possibilidades de ferramentas de consumo de filmes, como TV, DVDs, canais pagos, *streaming*, *tablets* e telas de celulares transformaram a lógica do

entretenimento (SACCOMORI, 2018).

Mas qual importância teria para uma cidade a história de um desses antigos e antiquados cinemas de calçada? É nesta questão que estão alicerçados os próximos subcapítulos.

## **2.1 São Leopoldo e seus locais de sociabilidade**

A cidade de São Leopoldo, distante 39 km da capital Porto Alegre, é conhecida como sendo o berço da colonização alemã no Brasil. Foi nesta região que os primeiros imigrantes registraram sua chegada em julho de 1824, ocupando a antiga sede da Real Feitoria do Linho Cânhamo - empreendimento da colônia portuguesa que se dedicava à produção de cordas e velas para navios e que empregava mão-de-obra escrava -, desativada em maio daquele mesmo ano (STRÖHER; SILVA, 2014). Elevada à vila em 1846 e à cidade em 1864, São Leopoldo iniciou a construção de uma identidade ligada à etnia alemã, já que esta logo se tornou a elite do local, destacando-se nas atividades comerciais e industriais (RAMOS, 2000).

À medida que obtiveram êxito em suas atividades, e como consequência da Revolução Industrial, surgia um tempo de ócio que necessitava ser preenchido, levando-os a construir, no final da década de 1850, espaços de sociabilidade onde pudessem se reunir e manter vivas suas tradições germânicas. Criou-se então, em 1858, a Sociedade Orpheu, segundo Ramos (2000, p.93), “[...] um espaço para marcar a identidade étnica, construída através de símbolos e imagens e representados pelas canções, pelo teatro em alemão e pelo estandarte, inicialmente”.

As atividades oferecidas para seus associados, exclusivamente masculinos, tinham por finalidade a exaltação da pátria de origem e também ser uma forma de representação e diferenciação diante da sociedade brasileira. Outro fator importante era o impedimento em participar da vida política da vila, fazendo com que através da fundação de clubes como o Orpheu, pudessem de certa forma promover sua integração social (RAMOS, 2000).

A partir daí, começaram a surgir outros locais de sociabilidade. Em 1874, surgiu a Sociedade Concórdia, fundada também por alemães e que realizava festas, bailes, reuniões dançantes e passeios. A dança e o teatro eram as atividades mais

importantes desses dois clubes, além dos lazeres masculinos, como o bilhar e o jogo de cartas, especialmente no Orpheu (RAMOS, 2000).

No final da década de 1880 criou-se a Sociedade de Atiradores de São Leopoldo e, antes disto, em 1883, um grupo de associados ligados à Sociedade Orpheu inaugurou mais um espaço de lazer masculino: o Separat Kegel-Club Orpheus, que reunia seus integrantes para jogar bolão<sup>3</sup> uma noite por semana (RAMOS, 2000).

Dois anos após, em 27 de agosto de 1885, fundou-se a Sociedade Ginástica de São Leopoldo, promovendo a cultura ao corpo e a beleza, e preenchendo a lacuna de ser uma opção de lazer também para os jovens. É durante a década de 1880 que as mulheres também passaram a participar mais ativamente dos eventos sociais.

Mas é na Sociedade Orpheu que aconteceram os primeiros passos do cinema da cidade, já no início do século XX. Segundo Ramos (2000, p.154):

O cinema era uma realidade em São Leopoldo nos anos 1910. Seu vigor era atestado pela existência de duas salas de projeção, sendo uma delas na Sociedade Orpheu, o cinema Elite, e outra na Rua Grande, na bem organizada casa de espetáculos do Sr. Feldmann, o Coliseu Leopoldense. Em ambas as casas, as sessões de matinê e vespertinas eram muito concorridas.

Mudos, os filmes apresentados tanto na Sociedade Orpheu quanto neste primeiro cinema da Rua Independência necessitavam do acompanhamento de uma orquestra, que assistia aos filmes previamente para ajustar as canções conforme o enredo de cada película (MOEHLECKE,1997). O sucessor de Pedro Leopoldo Feldman no ramo cinematográfico na cidade de São Leopoldo foi a empresa F. Steigleder & Cia, que fundou aquele que seria o cinema mais longevo da cidade: o Cine Theatro Independência.

Bernardo Ernesto Arno Steigleder (1900-1987) era o filho mais novo de uma família de oito. Roberto Boeckel, seu cunhado, foi quem idealizou a construção de um cine-theatro em São Leopoldo e propôs a ideia para Arno e o irmão Felipe Steigleder (MANDELLI, 2017). Completou a sociedade Carlos Kessler, que cedeu o

---

<sup>3</sup> Bolão é uma modalidade esportiva, espécie primitiva de boliche, de origem germânica, onde recebeu o nome de Kegeln, composto de uma pista de madeira, bolas de arremesso feitas de madeira ou resina, e nove pinos de plástico ou madeira. O objetivo do jogador é arremessar as bolas na pista de madeira e acertar o maior número possível de pinos, possuindo variações de estilo de jogadas.

jardim da casa, repleto de árvores e flores, para a realização do projeto (CARDOSO, 2007) (Figura 1). A obra foi iniciada em 1923:

Feito os alicerces, foi erguido o teatro, belo e grande, com 35 camarotes e extenso palco. Para ornamentar sua fachada, foi contratado o escultor Zani, que esculpiu as bonitas estátuas que ainda ornam sua frente. A maior delas veio pronta de Porto Alegre. O alinhamento do teatro, bem como o caimento da sala de espetáculos, foi dado pelo engenheiro Elíbio Weber (CARDOSO, 2007, p.176).

**Figura 1 - Terreno antes da construção do Cine Theatro Independência**



Fonte: São Leopoldo A nossa história, s.a., doc. eletr.

A arquitetura do prédio seguiu um perfil comumente adotado nos edifícios projetados no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, misturando diversos estilos do passado - o chamado estilo historicista (DOBERSTAIN, 2011). Com um expressivo número de ornamentos e a escultura de uma mulher, a fachada integra a chamada estatuária fachadista, símbolo máximo da forte ideologia positivista presente na época no Rio Grande do Sul (MARCONATTO, 2016) (Figura 2).

**Figura 2 - Desenho a nanquim da fachada original do Cine Theatro Independência**



Fonte: MANDELLI, 2017, doc. eletr.

Silvana Mandelli, neta de Arno Steigleder, escreveu em seu blog sobre a dinâmica que marcou a administração do Cine Theatro Independência:

Como acontece em empresas familiares, toda a família se envolvia na administração dos cinemas. Minha mãe ajudou a costurar as cortinas, quando um deles foi reformado, meu pai, que cresceu dentro deles, depois como estudante de engenharia e também muito habilidoso com equipamentos, ajudava na manutenção e minha avó fazia o caixa todas as noites. (MANDELLI, 2017, doc. eletr.)

Segundo Cardoso (2007, p.176), “[...] a fachada do ‘Independência’ era ornamentada de acordo com o assunto, por trabalhos executados pelo senhor Arno Steigleder”. Conforme Silveira Neto (2001), havia uma contradição entre os estilos arquitetônicos dos cinemas da primeira metade do século XX e o hábito de espalhar propagandas dos filmes em suas fachadas (Figura 3).

**Figura 3 - Fachada ornamentada divulgando o filme “O tenente sedutor” de 1931**



Fonte: São Leopoldo A nossa história, 19[31?], doc. eletr.

A relação do edifício com os dispositivos publicitários é algo importante a ser analisado. Nos Cinemas Palácio, o conflito é evidente, pois ao mesmo tempo em que buscavam referência neoclássica ou historicista na composição das fachadas, os edifícios viam-se confrontados com estes novos elementos de sinalização e publicidade, como painéis, neons, luminosos e displays. Assim, a fachada vai desaparecendo por detrás dos painéis publicitários onde se anunciam num primeiro momento as estrelas de determinados filmes (SILVEIRA NETO, 2001, p.35)

O primeiro filme exibido foi “Duquesa de Camps” (SAEZ, 1994b). Nos primeiros anos de funcionamento, as sessões de cinema eram apenas nas quartas, sábados e domingos e eram anunciadas com sirenes. Com o tempo, passaram a ser diárias (MANDELLI, 2017). Desde sua inauguração, o Cine Theatro Independência teve ampla divulgação na imprensa local (Figura 4), seja em propagandas de divulgação da programação em cartaz ou como assunto de alguma coluna. Moehleke, ao citar matéria publicada no jornal local, destaca a relação próxima que o espaço tinha com a comunidade:

Cinema. É bem significativo o belo exemplo dado pelo proprietário do cinema Independência, desta cidade, que a despeito de não contar

com concorrência, tem correspondido a afluência que o público dispensa às suas funções, dando-lhes sempre casa repleta. Exibe programas atraentes e educativos, nada deixando a reclamar. Sendo, como é, o único divertimento da nossa população, podemos com isso nos congratular com o povo, por esse desprendimento e lealdade da parte da empresa do Cinema Independência (Correio de São Leopoldo, 21/09/1936 apud MOEHLEKE, 1997, p.182).

**Figura 4 - Divulgação da programação do Cine Theatro Independência**



Fonte: São Leopoldo A nossa história, s.a., doc. eletr.

Mas não só o cinema entretinha o público da cidade nas décadas de 1920 e 1930. Óperas e operetas foram encenadas no Cine Theatro Independência, inclusive títulos famosos com “La Traviata” de Verdi, Madame Butterfly de Puccini e Rigoletto também de Verdi (MANDELLI, 2017). Houve também apresentações de companhias alemãs faladas e cantadas em seu próprio idioma (CARDOSO, 2007).

Por estar localizado na principal rua da cidade, a rua Independência, o Cine Theatro Independência participava ativamente do calendário cultural da cidade.



Muitas sessões cívicas foram realizadas nas suas dependências (Figura 5), inclusive um Congresso ocorrido em 1946 em comemoração ao centenário de elevação de São Leopoldo à vila, além de apresentações das quais participavam a banda e corais dos padres jesuítas (SAEZ, 1994b).

**Figura 5 – Interior do Cine Theatro Independência por ocasião de uma sessão cívica**



Fonte: MOEHLECKE, 1997

Em 4 de setembro de 1940, a F. Steigleder & Cia abriu mais um cinema, o Cine Brasil, uma quadra acima na rua Independência, no mesmo endereço onde antes funcionou o Cine Coliseu (MOEHLECKE, 1997). Em 4 de janeiro de 1941, o jornal Correio de São Leopoldo comentou:

Destas colunas, mais uma vez, já temos salientado o interesse e o cuidado com que a empresa cinematográfica local atende o público leopoldense, não só organizando bons espetáculos com filmes escolhidos, como também inaugurando o seu novo e confortável Cine Brasil. Assim que nos sentimos à vontade para atender diversos pedidos de espectadores, sem que isso, em nada, venha desmerecer no conceito geral a empresa, lembrando que os espetáculos podiam começar às 7 ½ em vez de 8 ½, pois dessa forma os que trabalham cedo no dia seguinte teriam mais tempo de descanso e os moradores nas vizinhanças como Sapucaia e Esteio poderiam assistir os espetáculos (Correio de São Leopoldo apud MOEHLECKE, 1997, p.183).

Já a atividade teatral não sobreviveu por muito tempo, como aponta Mandelli (2017, doc. eletr.):

Infelizmente, como costuma acontecer em São Leopoldo, a população não correspondeu ao idealismo e anseio de seus promotores e não possibilitou assim a contratação de um maior número de companhias de teatro que se exibissem na cidade e o teatro passou a ser apenas cinema.

Segundo Cardoso (2007, p.176), “Em 1951, o teatro foi reformado, sendo retirados os seus camarotes e apresentado um novo sistema de iluminação”. Um ano antes, ainda segundo a autora, Arno Steigleder passou suas funções ao filho Plínio Steigleder. Dessa maneira, encerrou-se o período áureo do Cine Theatro Independência, que a partir daí, mantendo apenas a função de cinema, sofreu com as grandes transformações sociais da segunda metade do século XX, que mudaria por completo a maneira de habitar as cidades, deslocando os cidadãos - agora vistos muito mais como consumidores -, do passeio público para os ambientes assépticos dos corredores dos *shoppings centers*.

Mas o que seria mais importante para uma cidade: o capital cultural ou o capital financeiro?

## **2.2 O cinema perde as calçadas**

Foi às 21h do dia 31 de março de 1994 que o Cine Theatro Independência passou sua última sessão: o filme *Mudança de Hábito 2* (Figura 6). No jornal do dia seguinte, a programação diária dos cinemas da cidade anunciou que o espaço de exibição de filmes que funcionou durante setenta anos estava fechado para reformas. Somente na edição de final de semana dos dias 16 e 17 de abril, o mesmo jornal anunciou que o fechamento não era provisório. “Cultura de São Leopoldo perde Cine Independência”, dizia a manchete (SAEZ, 1994b). Era um final melancólico para o mais importante endereço cultural da cidade. O Cine Brasil ainda resistiu por mais um ano, fazendo inclusive sessões especiais de filmes de arte, nas sextas à noite, numa tentativa de angariar novos públicos.

**Figura 6 - Fachada do Cine Theatro Independência em março de 1994**



Fonte: MANDELLI, 2017, doc. eletr.

O encerramento do tradicional cinema acompanhou uma tendência nacional de diminuição do número de salas de calçada e sua gradativa transferência para os artificiais corredores dos centros comerciais. Nos modernos *shoppings centers* o espectador estava protegido da insegurança da cidade, do mau tempo e das calçadas esburacadas a que tinha que se sujeitar até então para assistir um filme na tela grande. Em 1994, São Leopoldo também já havia inaugurado seu primeiro *shopping*, que contava com duas salas para projeção de filmes.

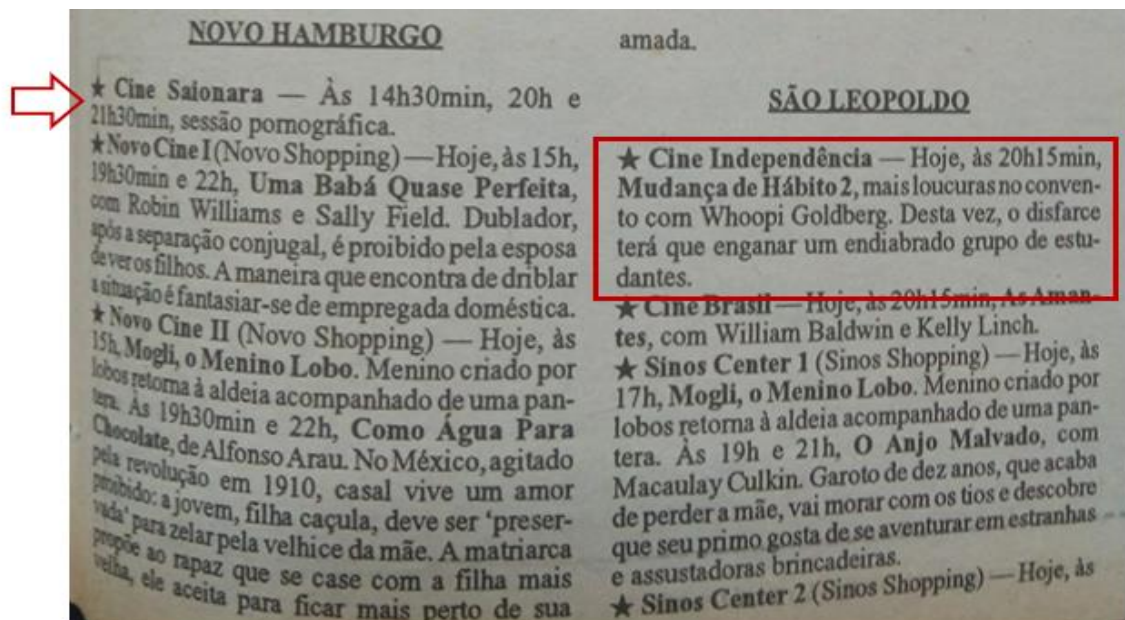
Pode-se afirmar que, fazendo jus a magnitude de suas construções, os grandes “palácios cinematográficos” lutaram bravamente para superar as adversidades, surgidas a partir da década de 1970. Segundo Silveira Neto (2001), fatores como a concorrência da televisão, as acomodações já defasadas pelo uso, o alto custo dos impostos e do aluguel das fitas foram responsáveis por ir tornando impossível manter as portas abertas.

Quando houve a primeira grande debandada do público, nos anos 1980, arrebatado pelo surgimento do VHS e a exibição de filmes na televisão, os grandes cinemas se fragmentaram, transformando seus mezaninos numa outra sala, tentando assim oferecer mais opções de filmes e aumentar os lucros (ZANELLA, 2006). Na década de 1990, já fragilizados, os cinemas de rua se depararam com mais um vilão: a especulação imobiliária. Nessa época, houve a eclosão de igrejas evangélicas, que viram nas estruturas colossais dos prédios de cinema espaços

ideais: possuíam palco, plateia e estrutura pronta. Não mais tão rentáveis, os cinemas se viram obrigados a ceder à procura de grandes empreendimentos. Aqueles que não se tornaram igrejas viraram estacionamento, lojas, bancos, boates ou, como tentativa final de salvamento, se mantiveram oferecendo títulos pornográficos.

Em São Leopoldo os motivos do encerramento das atividades do Cine Theatro Independência foram, segundo um dos proprietários, Ivan Steigleder, além do baixo público e conseqüente falta de lucros, a não pretensão da família em continuar no ramo (SAEZ, 1994b). Antes do encerramento, o cinema passou a investir em filmes de ação, como *O Demolidor*, com Sylvester Stallone e Wesley Snipes, e filmes para a família, como o último título em cartaz, *Mudança de Hábito 2*. Nas últimas semanas de funcionamento, antes do apagar final das luzes, reduziu as sessões para apenas uma sessão diária e duas no final de semana. Interessante observar que outro cinema de calçada, o Cine Saionara, de Novo Hamburgo, já estava convertido em cinema pornográfico (Figura 7)

**Figura 7 - Programação dos cinemas do dia 31 de março de 1994**



. Fonte: Jornal Vale dos Sinos, 1994, p.92.

Uma nota na coluna de Alejandro Malo no Jornal Vale dos Sinos já apontava a preocupação com o fechamento dos espaços de cinema na cidade:

Segunda-feira à noite resolvi assistir o filme *Dossiê Pelicano*, no

Sinos Cine II, e deparei-me com um cinema quase vazio. Das quase 200 poltronas, somente oito estavam ocupadas. Isso me dá a certeza que a conscientização em torno de que o público precisa prestigiar mais os espetáculos da nossa cidade é vital. Quem sabe ainda, todos nós, temos a chance de não deixar fechar mais cinemas em São Leopoldo, antes que seja tarde demais (MALO, 1994, p.57).

Além do Cine Theatro Independência outros prédios históricos de São Leopoldo ganharam notícia no ano de 1994 pelo que, segundo os jornais, era resultado do descaso da Prefeitura com o patrimônio da cidade. O Castelinho, antigo seminário evangélico, e o prédio da Câmara Municipal ameaçavam desabar por falta de cuidados do poder público (SAEZ, 1994a). O Museu do Trem<sup>4</sup> também apareceu nas colunas do jornal pelo estado de abandono (LINCK, 1994a).

Quando o Cine Theatro Independência fechou, várias pessoas ligadas ao movimento artístico, cultural e histórico de São Leopoldo protestaram e se mobilizaram para tentar mudar aquela situação. Como resposta ao fechamento, um abaixo-assinado foi organizado em frente ao prédio e conseguiu arrecadar assinaturas de pessoas ligadas à Cultura e moradores da cidade. Também, “um grupo de teatro, heroico, chegou a desenvolver uma cena à sua porta” (GUSMÃO, 1994).

A ideia era que a Prefeitura assumisse o prédio e mantivesse sua função cultural, o que acabou não acontecendo. O tradicional endereço cultural da cidade acabou locado para a loja de eletrodomésticos *Bomlar*, que mesmo sem nenhum tipo de proteção assegurada por via legal na época, concordou, em discussão com a Prefeitura, Conselho do Patrimônio Cultural (COMPAC) e proprietários do cinema, em manter a fachada original. Aos poucos, a discussão saiu das pautas dos jornais. Móveis e eletrodomésticos substituíram poltronas, os cartazes deram lugar a propagandas de ofertas imperdíveis e a imagem do antigo cinema foi se perdendo.

Somente no final da tarde do dia 14 de fevereiro de 1996 os passantes da agitada Rua Independência pararam novamente para prestar atenção no número 525: o prédio entrou em chamas e labaredas alaranjadas saíam pelas janelas superiores (Figura 8). Uma multidão de curiosos se amontoava pela rua para

---

<sup>4</sup> O Museu do Trem de São Leopoldo/RS, Centro de Preservação da História Ferroviária do Rio Grande do Sul, fundado em 1976, é o principal equipamento público na temática ferroviária em toda a região sul do Brasil. Responsável pela preservação e cuidado da primeira estação ferroviária construída no Estado, possui em suas dependências a salvaguarda de parte do acervo da extinta Viação Férrea do Rio Grande do Sul (VFRGS) /Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima (RFFSA)

acompanhar, como num trágico filme, a luta dos bombeiros para controlar o fogo, processo que durou cinco horas (Figura 9).

**Figura 8 - Bombeiros controlam o incêndio**



Fonte: MANDELLI, 2017, doc. eletr.

**Figura 9 - Curiosos observando o que restou do prédio, um dia após o incêndio**



Fonte: Jornal Vale dos Sinos, 15/02/1996, p.33.

O expediente da loja já havia encerrado e não havia ninguém no interior do prédio quando aconteceu o incêndio, mas a perda de estoque foi total (Figura 10). Além disso, foram perdidos equipamentos cinematográficos, como projetores de filmes e mais de trezentas poltronas do antigo cinema, que permaneciam no local (SAEZ, 1996).

“Acho triste. É um patrimônio. Assisti algumas sessões”, comentou uma pessoa entrevistada pelo jornal (BAUMGRATZ, 1996a). Um dos proprietários do prédio, André Von Esenwein, argumentou que “[...] se metade das pessoas que fizeram parte da mobilização contra o fechamento do cinema tivesse comparecido às sessões uma vez por semana, o cinema não tinha fechado” (SAEZ, 1996).

**Figura 10 - A parte interna do prédio foi totalmente perdida**



Fonte: MANDELLI, 2019, doc. eletr.

O laudo pericial do setor de Engenharia do Instituto de Criminalística (IC) foi inconclusivo e não conseguiu apontar as causas do sinistro. O prédio havia passado por uma reforma no ano de 1994 e recebeu fios canalizados, juntas soldadas, forro antichamas e extintores (BAUMGRATZ, 1996b).

Após nova reforma para recuperação do prédio a loja de eletrodomésticos foi reaberta. Apenas a fachada se manteve original. Atualmente, uma nova loja de

departamentos ocupa o endereço (Figura 11).

**Figura 11 - Prédio em outubro de 2019**



Fonte: O autor, 2019.

Nos fundos do prédio, atrás dos caixas de pagamento há um pequeno mural com fotografias que remetem ao passado áureo do antigo Cine Theatro Independência (Figura 12).



**Figura 12 - Fotos fazem referência ao passado histórico do prédio**



Fonte: O autor, 2019.

Curiosamente, no início da década de 2000, a cidade se viu sem nenhuma sala de cinema, quando o tão festejado *shopping* fechou as portas. São Leopoldo só voltaria a reproduzir filmes em salas de cinema em 2004, com a abertura de um novo empreendimento do tipo no mesmo endereço do anterior, com cinco salas *multiplex*. A sala de número cinco ganhou o nome de sala “Cine Independência” (Figura 13). Das 1.500 poltronas do original, o novo Independência do *shopping* center tem capacidade para 252 pessoas. A sala de número quatro ganhou o nome de “Cine Brasil”.

Figura 13 - Sala 5 do atual complexo de cinema localizado no shopping da cidade



Fonte: O autor, 2019.

Dezoito anos após o fechamento do Cine Theatro Independência, o prédio foi listado em uma lei municipal entre outros 134 imóveis com interesse de preservação. Mas, depois de todos esses anos transformado em loja comercial, o que significa para São Leopoldo perpetuar este endereço como patrimônio histórico? No próximo capítulo, nosso filme chega ao clímax.

### **3 DEBATES SOBRE O CINE THEATRO INDEPENDÊNCIA COMO PATRIMÔNIO DE SÃO LEOPOLDO**

Em São Leopoldo, o crescimento urbano foi devastador com antigas edificações, já que movimentos de regulamentação e proteção do patrimônio histórico da cidade tardaram a entrar na pauta política. Quando o Cine Theatro Independência fechou, em 1994, não havia nenhuma lei que reconhecesse o prédio como bem patrimonial da cidade. Mesmo a direção da loja assumindo junto à Prefeitura, Conselho Municipal do Patrimônio Cultural (COMPAC) e proprietários do cinema a conservação da fachada original (SAEZ, 1994b), o prédio sofreu não apenas mudanças internas, mas também na fachada inferior (LINCK, 1994b) (Figuras 14 e 15).

**Figura 14 - Fachada inferior em 1994, com o cinema ainda em funcionamento**



Fonte: Jornal Vale dos Sinos, 16 e 17/4/1994, capa

**Figura 15 - Fachada inferior em 2019**



Fonte: Jornal Vale dos Sinos, 187/2019, doc. eletr.

Krause, em artigo no jornal Vale dos Sinos, escreveu: “[...] para nosso consolo, será preservada a fachada do Theatro Independência - o popular Cine Independência - enquanto o que fica atrás da fachada será ocupado por uma loja de eletrodomésticos e móveis” (KRAUSE, 1994, p.2). O depoimento evidencia a preocupação com a descaracterização com a nova função comercial. A histórica relação do Cine Theatro Independência com o público frequentador também foi rememorado na imprensa local:

A realidade é, que nesses anos todos, em meio a doces e pipocas, cochichos e suspiros, ocorridos durante a exibição de filmes, milhares de pessoas viveram situações e experiências diversas, que de uma forma ou de outra, ficaram registradas na memória de suas vidas (LINCK, 1994b, p.2).

Silva, em sua coluna *Carrossel*, apontou que:

O Independência é a aura de São Léo. Não dá para entender a cidade sem o tradicional cinema. Além do mais, São Leopoldo precisa de local para prestigiar a cultura. [...] Vamos aos fatos: Porto Alegre pode ter um Teatro São Pedro e uma Casa de Cultura ‘Mário Quintana’? Então, por que São Leopoldo não pode resgatar sua cultura salvando o Independência? (SILVA, 1994, p.2)

A Lei Municipal nº 7.778, de 12 de outubro de 2012, expôs, em seu artigo 36,

inciso I, que houve “Um primeiro Levantamento Fotográfico e Inventário Empírico realizado em 1991, pelo Gabinete do Planejamento (GAP), em que constam os primeiros indicadores e imóveis de valor cultural, histórico e social” (SÃO LEOPOLDO, 2012, doc. eletr.). No entanto, este arrolamento não previu nenhum tipo de proteção aos bens ali mencionados e estes seguiram à mercê do interesse de seus proprietários.

Apenas em 2005 o prefeito Ary Vanazzi, por intermédio do Decreto de nº4428, aprovou “[...] a lista dos imóveis de interesse de preservação do Município que integram o Patrimônio Cultural do Município de São Leopoldo” (SÃO LEOPOLDO, 2005, doc. eletr.). Este decreto foi sucedido pela lei nº 7778, de 2012, que atualizou a listagem e excluiu os itens que já haviam sido demolidos (SÃO LEOPOLDO, 2012). Ao todo 135 endereços foram apontados como de Interesse Sócio-Cultural. A elaboração desta lei foi resultado de uma parceria firmada entre Prefeitura Municipal e a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que desenvolveu o Projeto “Revita: Requalificação de São Leopoldo”, que tinha por objetivo “[...] promover a qualificação da região central da cidade através da valorização do patrimônio histórico, arquitetônico e cultural” (GUTIERREZ; NEUTZLING, 2016, doc. eletr.). A lista final só foi divulgada em 2019, com 265 imóveis e sete monumentos, e divididos em três categorias de proteção: rigorosa (C1), intermediária (C2) e flexível (C3) (ROHR, 2019). No mesmo ano, o novo Plano Diretor da cidade foi aprovado definindo “[...] uma mancha de interesse cultural para preservar imóveis listados no inventário de bens com interesse histórico, em especial na Rua da Praia e na Rua Independência” (CARVALHO, 2019, doc. eletr.).

Quando aconteceu o incêndio no endereço do Cine Theatro Independência, em fevereiro de 1996, a loja enviou ao Gabinete do Planejamento (GAP) um ofício solicitando a demolição das paredes internas (BAUMGRATZ, 1996c). A fachada, apesar das rachaduras (Figura 16), conseguiu ser preservada e passou por uma restauração antes da reinauguração do prédio. Mesmo com as mudanças ocorridas em 1994 e 1996 o Cine Theatro Independência foi enquadrado na categoria máxima de proteção (C1), que identifica “[...] imóveis de grande importância histórica e/ou arquitetônica que mantém a maioria das características originais e que devem ser conservados integralmente” (GUTIERREZ; NEUTZLING, 2016, doc. eletr.).

**Figura 16 - Rachadura na fachada do prédio após incêndio em 1996**



Fonte: Jornal Vale dos Sinos, 16/2/1996, p.33

Com o encerramento da atividade cinematográfica, isto é, do fator que o diferenciava dos estabelecimentos vizinhos, o prédio passou a ser um endereço trivial, perdendo seu lugar de destaque.

O aspecto financeiro sempre rondou o Cine Theatro Independência, já que mesmo na época em que abrigava atividades culturais, ele já era, para os proprietários, um negócio que dependia de lucros. Nos últimos anos, os donos privilegiaram o Cine Brasil, reservando os melhores filmes para ele, fazendo o cinema mais antigo sofrer prejuízo, levando à decisão de permanecer apenas com a sala mais moderna de exibição. O valor imobiliário do endereço também foi decisivo:

O valor comercial de um prédio situado na rua Independência é bastante alto e a locação do cinema proporcionará em um mês um retorno financeiro que o proprietário não teria em um ano de exibição de filmes (LINCK, 1994b, p.2).

Mesmo com a reivindicação da comunidade em transformar o espaço em um centro cultural, a Prefeitura enxergou com otimismo a instalação da loja comercial.

Em entrevista ao Jornal Vale do Sinos, o titular da Secretaria de Planejamento e presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural à época, Celso Schokal lamentou o fechamento do cinema, mas considerou que “[...] por outro lado, a cidade ganha em termos de arrecadação de ICMS e emprego” (SAEZ, 1994b, [s.n.t.]). Em resposta a esta declaração, Márcio Linck escreveu em sua coluna:

Pensar somente no aumento da arrecadação de ICMS e na oferta de empregos que a loja Bomlar trará ao nosso município, é ter uma visão precipitada ou limitada. Em muitos casos as ofertas de emprego no comércio leopoldense são ocupadas por pessoas de outras cidades e quem garante que a Bomlar empregaria somente gente de São Leopoldo? E quanto à arrecadação de impostos nem é preciso ir muito à fundo. Uma casa de espetáculos com bons shows e tudo que movimenta e gira em torno dessas produções artísticas não trazem retorno financeiro? (LINCK, 1994a, p.2).

Já a arquiteta Ana Scherer questionou em reportagem do mesmo jornal: “Será que os moradores de São Leopoldo estão precisando de mais uma loja de eletrodomésticos?” (SAEZ, 1994c, [s.n.t.]). Quando a Prefeitura negou a implantação de um centro cultural no endereço foi desprezada a relevância do Cine Theatro Independência para a cidade, sobrepondo o valor comercial acima do interesse da sociedade. Ao aprovar a instalação da loja de eletrodomésticos, transferindo para ela a responsabilidade de conservar as características históricas da fachada, o poder público exonerou-se dos custos de preservação, mantendo-se apenas como fiscalizadora da reforma pretendida pelo estabelecimento.

Porém, as evidências encontradas no jornal Vale dos Sinos demonstram a manifestação de integrantes da comunidade pela proteção da edificação, bem como um desejo de ocupar esse espaço com ações que poderiam, inclusive, gerar retornos financeiros através de políticas culturais. Para Silva (2000, p.220) o processo de homogeneização do cotidiano reafirma “[...] as identidades coletivas face às tendências da uniformização individual”. Segundo a autora esse sentimento coletivo de nostalgia potencializa um mercado patrimonial, marcado pela valorização da singularidade do objeto e a possibilidade de inseri-lo em uma lógica comercial vinculada a atividades culturais e ao turismo (SILVA, 2000).

Embora a mera apreciação arquitetônica da fachada remeta ao passado, a mudança na sua função não mais potencializa sua inserção em um mercado patrimonial de São Leopoldo. Ao adentrar seu espaço interno nada mais o distingue

das demais lojas do centro da cidade. Mesmo a parte externa perdeu a originalidade com as mudanças estruturais na fachada inferior e também com a alteração da cor.

Quando, em 2005, o Cine Theatro Independência apareceu na lista de imóveis com interesse de preservação, o uso comercial já havia suplantado a memória da antiga atividade cultural. O estabelecimento comercial, por sua vez, utilizou-se do potencial identitário do imóvel com a comunidade para promover uma proximidade emocional com seu público consumidor (Figura 17).

**FIGURA 17 - Propaganda da loja de eletrodomésticos nas redes sociais**

**Lojas Colombo (Rua Independência, 525, São Leopoldo)** 20 de agosto

Preços e condições como esses, você só encontra na Colombo do antigo cinema.

Corra que não vai durar muito

**OFERTA COLOMBO** %

SMART TV LED 42" AOC LEA2150T  
de R\$ 1.499,00 por R\$ 1.099,00 à vista  
por R\$ **149,90**  
Total a prazo R\$ 2.199,00

**OFERTA COLOMBO** %

LAVADORA DE ROUPAS ELECTROLUX LAC3  
de R\$ 1.899,00 por R\$ 1.399,00 à vista  
por R\$ **156,90**  
Total a prazo R\$ 2.199,00

**Colombo 60**

Fonte: Facebook, 2019.

Em 2019, com o Decreto n° 9296 listando mais uma vez os prédios com interesse de preservação em São Leopoldo, a Prefeitura se comprometeu a elaborar um projeto de lei com detalhamento dos incentivos e compensações que os proprietários dos prédios vão receber em troca das restrições impostas (ROHR, 2019). André von Esenwein, um dos atuais proprietários do Cine Theatro Independência - além do antigo Cine Brasil e outro endereço na região central da cidade, todos na lista -, considerou que o Decreto engessou o patrimônio da família:



Quem vai nos indenizar? O que vai vir de incentivo? Não podemos penalizar 100% do patrimônio de uma família. [...] Que se permita que se mantenha a fachada e que possa construir no prédio, se não perde o valor. O maior interesse é a questão visual da fachada, quem passa pela rua tem acesso. (ROHR, 2019, doc. eletr.)

Essa supervalorização do aspecto estético do patrimônio sobrepõe-se aos interesses e necessidades da comunidade, reduzindo a questão como se apenas o efeito óptico resolvesse todas as suas variáveis e negando, uma vez mais, a história funcional do prédio - carente na cidade até hoje.

Em 1994, “[...] o auditório da biblioteca pública - espaço pequeno - ficou fechado por quase um ano” (KRAUSE, 1994, p.2). Com 280 poltronas, apenas em 2008 ele seria transformado em Teatro Municipal, com editais públicos de ocupação. Integrado hoje ao Centro Cultural José Pedro Boéssio, junto com a Biblioteca Pública Municipal Vianna Moog, a Galeria de Arte Liana Brandão e a Sala de Cinema, o espaço frequentemente sofre de problemas estruturais e se mantém fechado para reformas. A Sala de Cinema do Centro Cultural é uma sala minúscula com não mais que 20 assentos, que nunca realmente se estabeleceu, promovendo alguns raros ciclos de filme em parceria com o Serviço Social do Comércio (Sesc) da cidade.

Na UNISINOS, o Anfiteatro Padre Werner - localizado dentro do campus da universidade e fora da região central com capacidade para 706 lugares - oferece sem regularidade programação cultural pouco prestigiada pela comunidade em geral. Até hoje, não houve um substituto para o Cine Theatro Independência em um nível popular como ele atingiu ao longo de sua história. Mesmo a atividade cinematográfica atualmente disponível em São Leopoldo, com o conjunto de salas do *shopping* da cidade, não alcança democraticamente o público como o antigo cinema de rua atraía. Não existe mais nenhuma sala de calçada na cidade.

“O Independência, mesmo sendo propriedade particular, havia se tornado em sentimento. Foi feito para o público e tornou-se público no coração das pessoas” (LINCK, 1996, p.2). O acesso à fachada não o manteve relevante como bem patrimonial, porque para isso precisaria existir a vontade de não esquecê-lo. Como ressalta Françoise Choay:

A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. [...] A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar (CHOAY, 2001, p.18).

Essa carga emocional teve seu auge em dois momentos em que o Cine Theatro Independência esteve ameaçado: quando aconteceu seu fechamento e, dois anos depois, o incêndio. Gonçalves (2004), ao trabalhar o patrimônio no viés da perda, enfatiza que:

[...] é possível pensar o patrimônio não apenas como algo situado num tempo ou num espaço distante e inalcançável, mas também como um processo presente, incessante, conflituoso e interminável de reconstrução. Assinale-se que no coração desses discursos, juntamente com a noção de “perda”, insinua-se o espectro da “destruição”, contra a qual se posicionam os esforços coletivos no sentido de proteger e preservar os bens culturais ameaçados. Essa destruição, no entanto, é projetada para fora dos limites do discurso patrimonial, sendo percebida como algo externo, algo que ameaça de fora os bens materiais e imateriais visados por esse discurso. Ela pode assumir formas naturais (intempéries, catástrofes) ou sociais e históricas (guerras, atentados, o simples abandono dos bens culturais, a indiferença da população ou dos governantes), mas configura-se sempre como uma espécie de inimigo externo a ser combatido (GONÇALVES, 2004, p.220-221).

À medida que os anos foram passando e outras gerações, que não tiveram com o prédio a experiência de sua função primeira, foram vivenciando a cidade, a preservação do Cine Theatro Independência alcançou a indiferença. O processo de tombamento proporcionado agora pelo poder público parece querer corrigir um erro ocorrido muitos anos atrás, quando a relação entre indivíduo e cidade era outra, pré-internet e anterior à cultura dos *shoppings centers*:

O shopping center seja qual for sua tipologia arquitetônica, é um simulacro de cidade de serviços em miniatura, onde todos os extremos do urbano foram liquidados: as intempéries, que as passarelas e arcadas do século XIX apenas interromperam, sem anular; os ruídos, que não correspondiam a uma programação unificada; o claro-escuro, produto da colisão de luzes diferentes,

contrárias, que disputavam, reforçavam-se ou, simplesmente, ignoravam-se umas às outras; a grande escala produzida pelos edifícios de vários andares, o pé-direito duplo ou triplo de cinemas e teatros, as superfícies envidraçadas três, quatro ou até cinco vezes maiores que a mais ampla das lojas; os monumentos conhecidos que, por sua permanência, beleza ou feiúra, eram os signos mais poderosos do texto urbano; a proliferação de anúncios de dimensões gigantescas, no alto dos edifícios, percorrendo dezenas de metros, ao longo de suas fachadas, ou sobre as marquises, em grandes letras garrafais, fixadas sobre as vidraças de dezenas de portas de vaivém, em chapas reluzentes, escudos, painéis pintados sobre os umbrais, cartazes, apliques, letreiros, anúncios impressos, sinais de trânsito. Esses traços, produzidos às vezes por acaso, às vezes por design, são (ou eram) a marca de uma identidade urbana. (SARLO, 1997, p.14)

Desta forma, é preciso valorizar o caráter afetivo de um patrimônio e não mais apenas identificar o bem material, mas os sentimentos que o envolvem (OLIVEIRA; RIBEIRO, 2019). Identificar um lugar como um patrimônio afetivo, que pode não estar mais materialmente no local ou poderá já ter sofrido alterações, mas enquanto alguém o narrar ele permanecerá vivo, transmitindo os sentimentos que ele evoca. Esses patrimônios por meio de “[...] imagens, palavras, textos, sons, práticas - seriam o que talvez seja possível nomear como evidências do sensível. Mas, para encontrá-las, é preciso uma reeducação do olhar” (PESAVENTO, 2005, p.5).

[...] a permanência desses objetos levaria necessariamente à permanência da memória e da identidade, enquanto sua destruição levaria ao esquecimento. Pressupõe-se uma necessária associação entre memória e seus suportes materiais, os quais deveriam ser preservados para que aquela se conservasse. Alguns autores têm recentemente problematizado essa relação, mostrando que não necessariamente a preservação, mas muitas vezes a destruição de objetos e espaços materiais pode ser o elemento gerador de identidades e memórias. A arte da memória transforma-se numa “arte do esquecimento”. (GONÇALVES, 2015, p.223)

Mesmo havendo uma divisão entre patrimônio material e imaterial, é inegável a existência de um componente invisível no que se refere aos bens tangíveis. Para além do concreto de suas paredes, há um fator vital que lhes garante significado. Ao perdê-lo, o ato de preservação torna-se vazio. Souza e Crippa (2011) ressaltam, como observa Oliven (2003), que “[...] não há diferenças químicas entre a água benta e a água comum, um pedaço de tecido e uma bandeira, mas eles são tratados diferentemente pela carga simbólica adquirida na sociedade” (SOUZA; CRIPPA,

2011, p.243). Portanto, nesses casos, não é o suporte que justifica um bem ser visto como patrimônio cultural, mas os valores atribuídos a ele, sendo a materialidade preservada por se constituir como um elemento do patrimônio intangível. A ideia de patrimônio não se limita ao próprio objeto ou suporte, mas às relações produzidas e os significados vinculados a estes:

Desse modo, não faz sentido uma separação entre patrimônio tangível e intangível ou objeto e processo, pois ele só se explica nesta relação, o que obriga qualquer ato documentário ir além da descrição dos produtos ou documentos originais de uma manifestação cultural e considerar os processos que garantiram sua produção. (SOUZA, CRIPPA, 2011, p.248)

Ou seja, pensar em patrimônio na contemporaneidade é empreender uma reflexão acerca de seus sentidos: "Quando são atribuídos valores culturais ao que transcende a matéria, depara-se com uma rede subjetiva de significados" (NÓR, 2013, p.122). Para a autora o agir simbólico compreende formas afetivas e emotivas e a referência cultural, como o Cine Theatro Independência, pode emanar identidade, manifestando seu "espírito":

No âmbito do lugar, identificar e compreender seu "espírito" facilita o reconhecimento dos componentes materiais e imateriais que o caracterizam. [...] **Quando nos referimos, hoje, ao "espírito do lugar", tratamos do elemento vital que expressa a singular identidade de um local, resultado da relação entre uma determinada cultura e o sítio em que se desenvolve.** Esta noção de "espírito do lugar" está intimamente vinculada à interação de componentes materiais e imateriais presentes nos ambientes naturais e nos espaços construídos. (NÓR, 2013, p.124-125, grifo nosso)

O "espírito do lugar" é compreendido como a essência dos valores imateriais do bem patrimonial, que evoca a relação dialógica entre passado e presente. Essa noção confere um caráter vivo e permanente às referências culturais:

Os componentes capazes de identificar o "espírito do lugar" estão presentes nos cenários da vida social e em suas manifestações simbólicas, bem como nos espaços apropriados ou construídos pelo homem, que expressam um modo particular de resolver as necessidades para o desenvolvimento da vida, através da história. (NÓR, 2013, p.125)

Porém, até o momento, o Cine Theatro Independência somente resiste fisicamente, não alcança a dimensão de “espírito do lugar”, embora tenha todo o potencial de portar essa essência. A estátua feminina, no seu topo, que incansavelmente empunha sua tocha para o alto, observa resignada a transformação de suas paredes e também a evolução da cidade ao seu redor. As camadas de tinta suavizam a marca de sua trajetória, embora o th, logo abaixo, insista em denunciar sua idade. As pessoas passam apressadas na calçada. Não estão mais interessadas em matinê. Mesmo se estivessem, ela já não poderia lhes atender. Mas, quanto mais a ignoram, mais ela amanhece esplendorosa, aguardando por um final feliz. Mesmo que água com açúcar como os hollywoodianos.

## 4 CRÉDITOS FINAIS

A memória do cinema brasileiro é importante patrimônio e precisa ser preservada, pois ela é fundamental para compreender nossa trajetória no audiovisual. Mas, para além dos filmes e suportes, é preciso incluir nesta discussão o circuito exibidor, marcado pela presença e proliferação dos chamados cinemas de calçada. Ameaçados de quase extinção na virada do século, este conjunto de imóveis distribuído por centenas de cidades do Brasil necessita urgentemente não só de um olhar preservacionista para suas edificações materiais, mas também de uma sensibilização da sociedade civil sobre sua importância histórica.

O Cine Theatro Independência é um remanescente destes antigos palácios cinematográficos, eleito como endereço de referência para a história de São Leopoldo. Embora mencionado na literatura e em análises que tenham como foco o passado da cidade, ainda não havia quem lhe desse o protagonismo merecido. Esta pesquisa pretendeu servir como primeira imersão no itinerário de seus quase setenta anos. Outros vieses podem e devem ser explorados. Aqui, a intenção foi aproximá-lo do campo da Museologia, problematizando os valores atrelados ao interesse por sua preservação frente à mudança de uso de sua edificação. O objetivo era tencionar a medida entre a importância cultural e o interesse comercial do patrimônio, considerando-o organismo vivo dentro da dinâmica da cidade.

Investigando as raízes do cinema em São Leopoldo é ainda admirável que a cidade tenha tido uma casa de espetáculos do porte do Cine Theatro Independência. Sua magnitude e importância, por sua vez, tornam injustificável a maneira tão sucinta em que ele aparece em estudos sobre o município. Essa questão mostrou-se difícil de ser solucionada. Dados como a data mais precisa em que o espaço parou de oferecer o serviço de teatro, bem como mais detalhes sobre as reformas estruturais que sofreu ao longo dos anos não foram encontrados. Por outro lado, os jornais disponíveis no Museu Histórico Visconde de São Leopoldo mostraram-se ricas fontes de pesquisa, principalmente para alinhar as discussões surgidas na época do seu fechamento, incêndio e de seu interesse de preservação, com importantes conceitos que estão no centro do debate entre teóricos do patrimônio. Algumas falas registradas nas reportagens nos remetiam diretamente às questões que pretendíamos explorar no trabalho, favorecendo as problematizações da pesquisa.

O Cine Theatro Independência mostrou-se o protagonista perfeito para dois importantes objetivos que se pretendeu atingir: o de inseri-lo no fenômeno de desaparecimento dos cinemas de calçada e o de avaliá-lo como patrimônio cultural. Nos dois assuntos, o endereço é carregado de potencialidades.

Dentro da dinâmica do circuito exibidor brasileiro, o antigo cinema é um exemplo típico do que aconteceu com tantos destes estabelecimentos, atravessando todas as mudanças impostas para o setor, desde a época áurea das décadas de 1920 a 1940, até o declínio nos anos 1980 e 1990. Já o seu aspecto como patrimônio é cercado de contradições que pairam sobre as políticas preservacionistas no Brasil. Por isto mesmo é importante que estejam sempre em discussão, a fim de tornar cada vez mais consistentes os processos de tombamento.

Em São Leopoldo, surgindo tardiamente, foi esperado que as políticas patrimoniais lançassem um olhar imediatista sobre o patrimônio da cidade. Com a cidade transformando-se rapidamente, a primeira ação foi tentar proteger os imóveis de seu desaparecimento. Assim, até hoje com a lei sendo implementada e os proprietários dos bens privados em processo de notificação, ainda é necessário trabalhar questões ligadas ao intangível deste espólio.

No caso específico do Cine Theatro Independência fica evidente nas manifestações contrárias ao seu encerramento que, para a comunidade em geral, a importância maior era o valor cultural proporcionado pelas atividades oferecidas pelo estabelecimento. O valor estético só seria levado em pauta pela população quando houve o risco de sua perda, resultado do incêndio. Nestas duas ocasiões, mesmo sempre pontuando a trajetória histórica do espaço, o poder público se mostrou mais propenso em proteger seu valor material, ficando satisfeito com a simples manutenção e restauração da fachada por parte da loja comercial que se instalou no endereço.

Atualmente, quando o espaço já sofreu anos de esvaziamento de sentido e diversas alterações físicas, consentidas pela Prefeitura, ele está prestes a se configurar patrimônio da cidade. O que o conduziu a lista, considerando a conduta do poder público, foi seu valor material, presente nos detalhes de sua fachada.

Tendo em vista a mudança nas aberturas de acesso ao interior do prédio e a reconstrução infiel ao original, parece-nos obrigatório reconhecer que tê-lo ainda presente na cidade, já é por si só, motivo de comemoração. Mas caminharmos por

esse lado seria compactuar com tamanho negligenciamento. As alterações contradizem o inventário enquadrá-lo na categoria máxima de proteção (C1).

O patrimônio precisa ser observado com toda a complexidade que dele emana e os mecanismos de preservação precisam contemplar essas ambiguidades. Na prática, é tênue a diferença entre patrimônio tangível e intangível. O que os separa talvez seja a ordem do que aciona sua memória: no patrimônio tangível é a materialidade que é usada para evocá-la e no patrimônio intangível é o etéreo que se manifesta a partir da interferência humana. Mas em ambos o corpo é apenas veículo para a expressão do espírito.

Diferente das coleções protegidas dentro de museus, os imóveis e monumentos continuam inseridos no seu sítio original e encontram-se diretamente com os indivíduos sem que estes tenham necessariamente programado essa interação. Portanto, é preciso sensibilizar a sociedade de seus significados para que haja verdadeiramente um reconhecimento mútuo.



## REFERÊNCIAS

BAUMGRATZ, Adriana. Movimento no local foi intenso ontem. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.33, 26 fevereiro 1996a.

\_\_\_\_\_. Prejuízo com incêndio ultrapassa US\$ 700 mil. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.32, 16 fevereiro 1996b.

\_\_\_\_\_. Projeto da Bomlar mantém fachada. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, sem página. 22 fevereiro 1996c.

\_\_\_\_\_. Peritos do IC vistoriam os escombros. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.3, 17 fevereiro 1996.

BERNARDERT, Jean-Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1985.

CARDOSO, Sonia Weber. **São Leopoldo antigo**: a cidade brasileira de colonização alemã. Porto Alegre: EST, 2007.

CARVALHO, Priscila. Aprovado o novo Plano Diretor de São Leopoldo. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, 13 ago 2019. Disponível em: <https://www.jornalvs.com.br/conteudo/noticias/regiao/2019/08/2470978-aprovado-o-novo-plano-diretor-de-sao-leopoldo.html> Acesso em 15 nov 2019.

CHOAY, **A Alegoria do Patrimônio**. Tradução Luciano Vieira Machado. São Paulo, Estação Liberdade / Ed. Unesp, 2001.

DOBERSTEIN, Arnaldo Walter. **Estatuária e ideologia**. 2. ed. rev. e ampl. Porto Alegre: Ed. da Cidade; Letra e Vida, 2011.

FAVARO, José Estevão; FAVARO. Henry Aguiar Bizarro Rosa. Uma Breve História das Salas de Cinema da Cidade de São Paulo. In: **CONGRESSO INTERNACIONAL DE COMUNICAÇÃO E CONSUMO**. São Paulo: PPGCOM ESPM, 2015. p.1-15. Disponível em: [http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT7/18\\_GT07-FAVARO\\_FAVARO.pdf](http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT7/18_GT07-FAVARO_FAVARO.pdf). Acesso em 03 novembro 2019.

GASTAL, Susana. **Salas de cinema** – cenários porto-alegrenses. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1999.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O mal-estar no patrimônio: identidade, tempo e destruição. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 55, p. 211-228, jan.-jun. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/eh/v28n55/0103-2186-eh-28-55-0211.pdf>. Acesso em 12 nov. 2019.

\_\_\_\_\_. **A retórica da perda**: discurso nacionalista e patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro. Editora da UFRJ, 2004.

GUSMÃO, Alexandre. Perdendo nossa qualidade. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, p. 2, 29 abril 1994.

GUTIERREZ, Ester J. B.; NEUTZLING, Simone R. A paisagem cultural da cidade berço da colonização alemã no Brasil. São Leopoldo/RS. In: **COLÓQUIO IBERO-AMERICANO PAISAGEM CULTURAL, PATRIMÔNIO E PROJETO**, 4., 2016. Anais... Belo Horizonte, 2016.

KRAUSE, Heinrich Hans Cristoph. O que importa é a fachada. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.4, 25 abril 1994.

LINCK, Marcio. O Cine Teatro Independência e o passado histórico. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.2, 23-24 abril 1994a.

\_\_\_\_\_. O fechamento do Cine Teatro Independência. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.2, 1994b.

LINCK, Marcio. O Independência e a hipocrisia. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, p.2, 1996.

LUSTOSA, Isabel. Rua do Ouvidor: o palco das novidades. Rio de Janeiro. **Revista Filme Cultura**. n.47, 1986.

MACHADO, Arlindo. Apresentação. In: COSTA, Flávia Cesarino. **O primeiro cinema**: espetáculo, narração, domesticação. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. p.7-13

MALO, Alejandro. Coluna. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, p. 57, 27 abr.

1994, p.57.

MANDELLI, Silvana. Arno Steigleder e nosso Cinema Paradiso. **De bobagens a viagens** [blog Internet]. Disponível em: <http://www.debobagensaviagens.com/arno-steigleder-e-nosso-cinema-paradiso>. Acesso em 10 out. 2019.

MARCONATTO, Rafael Ferreira. O edifício da prefeitura de Porto Alegre e a materialização dos ideais positivistas. **XII Semana de Extensão, Pesquisa e Pós-Graduação** – SEPesq Centro Universitário Ritter dos Reis, 2016.

MOEHLECKE, Germano Oscar. **Vida social: usos e costumes**. São Leopoldo (RS): G. O. Moehlecke, 1997. (Revivendo o passado; 1).

NAGEL, Fábio. **Cine Coliseu (1914) - Cinema Brasil** . São Leopoldo/RS. 2009. (1m26s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NMJBIcOGsHc&t=24s>. Acesso em: 12 out 2019.

NÓR, Soraya. O lugar como imaterialidade da paisagem cultural. In: **Paisagem e Ambiente: ensaios**, n.32, São Paulo, 2013. p. 119-128. Disponível em: <http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/88090-texto%20do%20artigo-124749-1-10-20141125.pdf>. Acesso em: 19 nov 2019.

OLIVEIRA, Milena Behling; RIBEIRO, Diego Lemos. Patrimônios Afetivos: um novo recurso para o Turismo em Morro Redondo/RS, Brasil. **12º Fórum Internacional de Iguazu**. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/6713> . Acesso em : 17 nov. 2019.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: **Nuevo Mundo Mundos Nuevos**, 2005. Disponível em: <https://journals.openedition.org/nuevomundo/229>. Acesso 05 nov. 2019.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz. **O teatro da sociabilidade**: um estudo dos clubes sociais como espaço de representação das elites urbanas alemãs e teuto-brasileiras: São Leopoldo, 1850/1930, 2000, 430p. Doutorado (Tese) em História. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

ROHR, Daniel Stein. Prefeitura elege 265 imóveis de interesse de preservação: veja a lista completa. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, 19 julho 2019. Disponível em: <https://www.jornalvs.com.br/conteudo/noticias/regiao/2019/07/2451769-prefeitura-elege-265-imoveis-de-interesse-de-preservacao-veja-a-lista>

[completa.html](#) Acesso em 01 nov. 2019.

SACCOMORI, Camila. **Novos hábitos de consumo do produto audiovisual online**, 2018. Disponível em: <http://www.pucrs.br/tecna-prov/wp-content/uploads/sites/193/2018/05/Novos-H%C3%A1bitos-de-Consumo.pdf>. Acesso em: 26 out 2019.

SAEZ, Morgana. História de São Leopoldo ameaça desabar. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.7, 20 abril 1994a.

\_\_\_\_\_. Cultura de SL perde Cine Independência. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p. 5, 16-17 abril 1994b.

\_\_\_\_\_. Um filme que ninguém pretende lembrar. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.24, 15 fevereiro 1996.

\_\_\_\_\_. Salvar o Independência: Restabelecimento do cinema e casa de espetáculos. **Jornal Vale dos Sinos**. São Leopoldo, 1994c.

SÃO LEOPOLDO. Prefeitura Municipal. **Decreto nº 4428 de 12 de outubro de 2005**. Aprova a lista de imóveis de interesse de preservação, que integram o patrimônio cultural do município de São Leopoldo. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a1/rs/s/sao-leopoldo/decreto/2005/442/4428/decreto-n-4428-2005-aprova-a-lista-de-imoveis-de-interesse-de-preservacao-que-integram-o-patrimonio-cultural-do-municipio-de-sao-leopoldo>. Acesso em 03 set. 2019.

\_\_\_\_\_. Prefeitura Municipal. **Lei Municipal nº 7.778 de 12 de outubro de 2012**. Dispõe sobre manutenção, intervenção, alienação e incentivos voltados para os bens imóveis que compõem o acervo histórico-cultural-patrimonial do município de São Leopoldo e dá outras providências, 2012. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/rs/s/sao-leopoldo/lei-ordinaria/2012/777/7778/lei-ordinaria-n-7778-2012-dispoe-sobre-manutencao-intervencao-alienacao-e-incentivos-voltados-para-os-bens-imoveis-que-compoem-o-acervo-historico-cultural-patrimonial-do-municipio-de-sao-leopoldo-e-da-outras-providencias>. Acesso em: 03 set 2019.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

SCHVARZMAN, Sheila. Ir ao cinema em São Paulo nos anos 20. **Rev. Bras. Hist.**, v.25, n.49, São Paulo, jan/jun 2005. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-01882005000100008](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100008).

Acesso em 26 out 2019.

SILVA, Elsa Peralta da. Patrimônio e Identidade. Os desafios do turismo cultural. ISCSP. Universidade técnica de Lisboa. **Revista Antropológicas**, nº 4, 2000.

SILVA, Roland Araújo. Carrossel [coluna]. **Jornal Vale dos Sinos**, São Leopoldo, p.2, 1994.

SILVEIRA NETO, Olavo Amaro da. **Cinemas de rua em Porto Alegre**: do recreio ideal (1908) ao Açores (1974), 2001, 274f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2001. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/1830>. Acesso em: 27 out 2019.



SOUZA, Willian Eduardo Righini de; CRIPPA, Giulia. O Patrimônio como processo: uma ideia que supera a oposição material-imaterial. In: **Em Questão**, Porto Alegre, v.17, n. 2, p. 237-251, jul./dez. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/view/17609>. Acesso em: 27 out 2019.

STRÖHER, Carlos Eduardo; SILVA, Cristina Ennes da. Salas de cinema: espaços de lazer e de sociabilidade em São Leopoldo. **História Unisinos**. v. 18, n.3, 2014. Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/htu.2014.183.11/4383>. Acesso em: 26 out. 2019.

ZANELLA, Cristiano. **The end**: cinemas de calçada em Porto Alegre (1990-2005). Porto Alegre: Idéias a Granel, 2006.

## ANEXO A - Ficha de cadastro do COMPAC - Cine Theatro Independência

Ministério da Cultura - IPHAN		Módulo 3 - Cadastro		M3
Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão		Cadastro Geral/ Informações Básicas		01
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>				
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada) <b>Região do Vale do Rio dos Sinos</b>				
1.2. Recortes Temáticos (Identificação do estudo) <b>A colonização alemã no Rio Grande do Sul</b>				
1.3. Identificação do Bem - (denominação oficial/ denominação popular/ outras denominações) <b>Antigo Theatro Independência</b>			1.4. Código Identificador (Iphan) <b>46-525</b>	
<b>2. LOCALIZAÇÃO DO BEM (Objeto de preenchimento da ficha)</b>				
2.1.UF <b>RS</b>	2.2.Município <b>São Leopoldo</b>	2.3.Localidade <b>Centro</b>		
2.4.Endereço Completo (logradouro, nº, complemento) <b>Rua Independência, nº 525</b>			2.5.Código Postal <b>93001-000</b>	
2.6.Coordenadas Geográficas		Latitude	Longitude	Altitude [m]
2.7. Erro Horiz. [m]				
<b>3. NATUREZA DO BEM</b>		<b>5. PROTEÇÃO EXISTENTE</b>		<b>6. PROTEÇÃO PROPOSTA</b>
3.1.bem arqueológico		5.1.patrimônio mundial		6.1.patrimônio mundial
3.2.bem paleontológico		5.2.federal/ individual		6.2.federal/ individual
3.3.patrimônio natural		5.3.federal/ conjunto		6.3.federal/ conjunto
<input checked="" type="checkbox"/> 3.4.bem imóvel		5.4.estadual/ individual		6.4.estadual/ individual
3.5.bem móvel/integrado		5.5.estadual/ conjunto		6.5.estadual/ conjunto
<b>4. CLASSIFICAÇÃO</b>		<input checked="" type="checkbox"/> 5.6.municipal/ individual		<input checked="" type="checkbox"/> 6.6.municipal/ individual
<b>Obra de arquitetura</b>		5.7.municipal/ conjunto		6.7.municipal/ conjunto
		5.8.entorno de bem protegido		6.8.entorno de bem protegido
		5.9.nenhuma		6.9.nenhuma
<b>7. IMAGEM</b>				
				
<b>8. CONTEXTO</b>				
8.1.rural		Tipo: <b>Inventário</b>		Tipo: <b>Inventário</b>
<input checked="" type="checkbox"/> 8.2.urbano				
8.3.entorno preservado		<b>9. PROPRIEDADE</b>		<b>10. ESTADO DE PRESERVAÇÃO</b>
<input checked="" type="checkbox"/> 8.4.entorno transformado		9.1.pública		10.1.integro
8.5.forma conjunto		<input checked="" type="checkbox"/> 9.2.privada		<input checked="" type="checkbox"/> 10.2.pouco alterado
8.6.bem isolado		9.3.mista		10.3.muito alterado
		9.4.outra:		10.4.descaracterizado
				<input checked="" type="checkbox"/> 11.1.bom
				11.2.precário
				11.3.em arruamento
				11.4.arruinado
<b>12. PREENCHIMENTO</b>				
12.1.Entidade Responsável		Simone Rassmussen Neutzling e Cia Ltda		12.3.Data
12.2.Técnico Responsável		Arq. Simone Neutzling		07/2016
<b>13. DADOS HISTÓRICOS</b>				
13.1. Identificação do Proprietário				
Nome		Contatos		
13.2. Informações Históricas (síntese)				
13.3. Outras informações (especializadas, temáticas...)				
A edificação apresenta linguagem eclética do século XIX e tipologia tipo funcional característico. Constitui-se como uma construção de grande porte, com dois pavimentos. Sofreu alterações de fachada, alguns vãos foram transformados. A calçada é pavimentada com placa em concreto. Valores estabelecidos ao bem: Instância cultural - Referência Histórica - Valor de antiguidade - Valor tradicional ou evocativo - referência coletiva; Instância morfológica - valor arquitetônico; Instância paisagística - Elemento referencia; Instância legal - proteção municipal.				
13.4. Seleção de Imagens (5cm de largura)				
				
O theatro em 1930	Fachada	Detalhe frontão	Detalhe platibanda	
				
Detalhe da fachada	Detalhe da fachada	Detalhe da fachada	Detalhe janela em madeira	

Ministério da Cultura - IPHAN Sistema Integrado de Conhecimento e Gestão		Módulo 3 - Cadastro Cadastro Geral/ Informações Básicas		M3 01
<b>1. IDENTIFICAÇÃO</b>				
1.1. Recorte Territorial (Identificação da região estudada) <b>Região do Vale do Rio dos Sinos</b>				
1.2. Recortes Temáticos (Identificação do estudo) <b>A colonização alemã no Rio Grande do Sul</b>				
1.3. Identificação do Bem - (denominação oficial/ denominação popular/ outras denominações) <b>Antigo Theatro Independência</b>			1.4. Código Identificador (Iphan) 46-525	
 <p>Detalhe da numeração</p>		 <p>Detalhe pavimentação calçada</p>		